

CAPÍTULO 1

ETNOGRAFIA DE E NA RUA: ESTUDO DE ANTROPOLOGIA URBANA

Ana Luiza Carvalho da Rocha
Cornelia Eckert

Walter Benjamin (1892-1940) inspirou-se na obra de Charles Baudelaire (1821-1867) e de Marcel Proust (1871-1922) para falar de um estado de ser e estar no mundo ao refletir sobre seus deslocamentos nas cidades de Paris e Berlim, a partir de um “trabalho” da memória involuntária e afetiva e do pensar a «si mesmo» na paisagem urbana. O personagem baudelaireano, o *flâneur*, caminha na cidade: um percurso sem compromissos, sem destino fixo. O estado de alma deste personagem-tipo é de indiferença, mas seus passos traçam uma trajetória, um itinerário que concebe a cidade, o movimento urbano, a massa efêmera, o processo de civilização. Logo, esta não é uma caminhada inocente. A cidade é estrutura de relações sociais, economia e mercado; é política, estética e poesia. A cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência.

Assim, a cidade do andarilho tem uma história, nem a melhor nem a pior do mundo, simplesmente histórias que configuram rastros de referências práticas e simbólicas em que se reconhece ou se constrange nas ruas que perambula, lugares que conhece ou desconhece, espaços que a ele sensibiliza ou desgosta, contextos que o atraem ou lhe são indiferentes. Objetos, eventos não verbais ou verbais, ruídos ou matérias atiram-lhe a atenção sensorial que delinea seu trajeto, seus atos. A cidade acolhe seus passos e ela passa a existir na existência deste que vive, na instância de seu itinerário, um traçado que encobre um sentido, algo que será desvendado ao seu final. O caminhante experimenta espaços, cheiros, barulhos, pessoas, objetos e naturezas em sua itinerância, não sem figuras pré-concebidas e razões de evitação. Sua caminhada é de natureza egocêntrica, funcional, mas também poética, fabulatória e afetiva, e por que não dizer, uma caminhada cosmológica como os jogos de memória que os tempos reencontrados proustinianos encenam.

Walter Benjamin (1939), em seu texto *Sur quelques thèmes baudelairiens*, lembra que a multidão metropolitana na formação do mundo industrial des-

pertava medo, repugnância e horror naqueles que a viam pela primeira vez. Da mesma forma, o impacto das transformações urbanas, tão bem tratadas no conjunto de autores que de modo geral são reunidos na denominação Escola de Chicago, irá inspirar uma geração de antropólogos que privilegia, desde então (anos 1930), o tema do viver na cidade como cenário primordial de análise das continuidades e das mudanças, das durações e das transformações.

Sob a ótica destes autores, a vida cidadina é, portanto, agitada, vertiginosa mesmo, ou monótona e repetitiva, dependendo da adesão ou não dos seus habitantes aos tempos e espaços vividos, ritmados pelos movimentos incessantes das imagens de cidade que habitam seus pensamentos em constante mutação. Descrever a cidade sob tal ponto de vista é conhecê-la como *locus* de interações sociais e trajetórias singulares de grupos e/ou indivíduos cujas rotinas estão referidas a uma tradição cultural que as transcende. Conhecer uma cidade é, assim, apropriar-se de parte de um conhecimento do mundo, dos saberes e fazeres dos habitantes em suas experiências e práticas cotidianas que o etnógrafo compartilha em sua meta-observação, desvendando a lógica de situar seu próprio ser em relação ao ser do Outro que se desloca na cidade.

Inspirada nas obras científicas e literárias sobre o “passar e caminhar”, a ideia de desenvolver etnografias na rua nasceu com a proposta de projeto de pesquisa intitulado «*Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo urbano contemporâneo*». Como pesquisadoras e, desenvolvendo a atividade de formar bolsistas de iniciação científica ao método antropológico, propomos ao aluno tecer os seus próprios percursos etnográficos na cidade de Porto Alegre, contexto de uma investigação antropológica sobre a dinâmica das interações cotidianas e representações sociais “na” e “da” cidade. No decorrer desta experiência etnográfica na rua, no bairro, na cidade, a introdução de instrumentos audiovisuais como a câmera fotográfica e/ou a câmera de vídeo, passam a fazer parte do seu olhar e atitude de coleta de dados de pesquisa: o exercício de etnografia de rua, inclui então, “a câmera na mão”.

A etnografia consiste em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais por meio de técnicas, como observação e conversações, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa. Interagindo com o Outro, olha-se, isto é, “ordena-se o visível, organiza-se a experiência”, conforme propõe Régis Debray (1992). O etnógrafo descreve, tradicionalmente em diários, relatos ou notas de campo, seus pensamentos ao agir no tempo e espaço histórico do Outro observado, delineando as formas que revestem a vida coletiva no meio urbano. A etnografia de rua aqui é um deslocamento em sua própria cidade, o que significa dizer, dentro de uma proposta benjaminiana, que ela afirma uma preocupação com a pesquisa antropológica a partir do paradigma estético na interpretação das formas da vida social na cidade. Um investimento que contempla uma reciprocidade cognitiva como uma das fontes de investigação, a própria retórica analítica do pesquisador em seu diálogo com o seu objeto

de pesquisa, a cidade e seus habitantes. Uma vez que tal retórica é portadora de tensões entre uma tradição de pensamento científico e as representações coletivas próprias que a cidade coloca em cena, o pesquisador constrói o seu conhecimento da vida urbana na e pela imagem que ele compartilha, ou não, com os indivíduos e/ou grupos sociais por ele investigados.

A pretensão de aprofundar uma prática de “etnografia de rua” para o caso da pesquisa em Porto Alegre, ou talvez fosse melhor dizer etnografia «na» rua, não se limita apenas aos comentários de Walter Benjamin. A proposta singular de *observation flottante*, como Colette Pétonnet (1982) denominou o exercício de observação de pesquisa na rua, encontra em nós uma adesão de estilo pela forma como pensamos, no referido projeto, o tema da etnografia da duração a partir da descrição etnográfica dos itinerários dos grupos urbanos na cidade.

Segundo advogamos na pesquisa sobre memória coletiva, narrativas e formas de sociabilidade no mundo contemporâneo, a técnica de etnografia de rua consiste na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas em que o pesquisador está atento as variações das formas de ocupação do espaço, dos jogos de interação social e tensões nos territórios vividos. A intenção não se limita, portanto, apenas a retornar o olhar do pesquisador para a sua cidade por meio de processos de reinvenção e reencantamento de seus espaços cotidianos, mas capacitá-lo às exigências de rigor nas observações etnográficas ao longo de ações que envolvem deslocamentos constantes no cenário da vida urbana.

Postulando uma carta de Porto Alegre

Bairros, ruas, praças e esquinas

Tornar-se «um» com os ritmos urbanos é perder-se no meio da multidão, deixar-se possuir por alguma esquina, fundir-se nos encontros fortuitos, mas é também localizar-se nas conversas rápidas dos habitantes locais, registrar piscadelas descompromissadas dos passantes, rabiscar apressadamente um desenho destas experiências no seu bloco de notas, tirar algumas fotos, gravar algumas cenas «estando lá». Desenhos, croquis, anotações, fotos, vídeos etc. No dizer bachelardiano, para se praticar uma boa etnografia de rua o pesquisador precisa aprender a pertencer a este território como se ele fosse sua morada, lugar de intimidade e acomodação afetiva, através dos devaneios do repouso.

Uma etnografia de rua propõe ao antropólogo, portanto, o desafio de “experienciar” a ambiência das cidades como a de uma «morada de ruas» cujos caminhos, ruídos, cheiros e cores a percorrer sugerem, sem cessar, direções e sentidos desenhados pelo próprio movimento dos pedestres e dos carros que nos conduzem a certos lugares, cenários, paisagens, em detrimento de outros.

Deslocamentos marcados por uma forma de apropriação dinâmica da vida cidadina, mas cuja apreensão pauta-se pela frequência sistemática do etnógrafo a uma rua ou uma avenida, um bairro ou uma esquina, etc. Nesse sentido, a etnografia “na” rua consiste no desenvolvimento da observação sistemática de uma rua ou das ruas de um bairro e na descrição etnográfica dos cenários em diários de campo, na construção dos personagens que conformam a rotina na rua e no bairro, nos imprevistos, nas situações de constrangimento e conflito, em entrevistas com *habitués* e moradores, buscando as significações sobre o viver o dia a dia na cidade.

Fruto de uma adesão irrestrita do etnógrafo a uma ambiência urbana, a etnografia de rua, por insistência recorrente à poética do andarilho, ao explorar/inventariar o mundo na instabilidade do seu movimento, descobre um patrimônio etnológico das formas que tecem as interações sociais em um lugar. Assim, o ato simples de andar torna-se estratégia para igualmente interagir com a população com as quais cruzamos nas ruas. *Habitués*, frequentadores, ou simples passantes, todos eles convidam o etnógrafo a perfilar personagens, descrever ações e estilos de vida a partir de suas performances cotidianas. Todos são bons momentos para se retrair os cenários onde transcorrem suas histórias de vida e, a partir deles, delinear as ambiências das inúmeras províncias de significados que abrigam os territórios de uma cidade.

Através da técnica da etnografia de rua, pode-se argumentar, o antropólogo observa a cidade como objeto temporal, lugar de trajetos e percursos sobrepostos, urdidos em uma trama de ações cotidianas. Percorrer as paisagens que conformam um território, seguir os itinerários dos habitantes, reconhecer os trajetos, interrogar-se sobre os espaços evitados, é evocar as origens do próprio movimento temporal desta paisagem urbana no espaço.

O etnógrafo torna-se assim mais um narrador da cidade, de seus processos dinâmicos ou fugazes, de suas formas de sociabilidade efervescente ou de seus lugares negligenciados. Esta rítmica da vida urbana é apreendida então como matéria moldada pelas trajetórias humanas, não apenas como mero traçado do deslocamento indiferente de um corpo no espaço, e o antropólogo precisa recompor os traços aí deixados por homens e mulheres. Uma etnografia de rua não se sustenta como prática antropológica de investigação sem contemplar, desde seu interior, uma reflexão sobre o forte componente narrativo que encerra os deslocamentos humanos capaz de metamorfosear as sobreposições temporais dos lugares em uma sequência espacial de pontos.

Para atingir tal componente narrativo, o etnógrafo precisa contar com o tempo como aliado, pois ele só o atinge quando a densidade de sobreposição cumulativa dos tempos vividos ao longo de um trabalho de campo, aparentemente fadado à «perda de tempo», se precipita diante dos seus olhos. Horas de um trabalho persistente de escritura depositadas na tela do computador, fitas de vídeo, películas fotográficas ou folhas de papel, sempre na tentativa

do investigador aprisionar o efêmero, são finalmente recompensadas e encontram enfim sentidos desvendados por um leque de conceitos.

Sem dúvida, na etnografia de rua o perfil de uma comunidade, indivíduo e/ou grupo se configura aos poucos, pois o etnógrafo trabalha pacientemente a partir de colagens de seus fragmentos de interação. Isto porque uma cultura urbana se expressa não só por convenções gestuais, de linguagens recorrentes, especializações profissionais de seus portadores, mas se apresenta igualmente através de suas práticas ordinárias, saberes e tradições com as quais o pesquisador precisa familiarizar-se neste deslocamento em espaços que são, ou não, o seu próprio lugar de origem.

Na busca do encontro e diálogos menos fortuitos que aqueles que os deslocamentos na rua permitem ao etnógrafo, a cumplicidade dos pequenos gestos, sorrisos ou olhares dos habitantes da rua, moradores locais, comerciantes, frequentadores, mendigos, vendedores ambulantes, menino(a)s de rua, feirantes, pode significar um convite à aproximação mais duradoura. Nestes rituais de sedução e jogos de conquista da atenção do Outro, desvenda-se a lógica da criação dos papéis através dos quais se constroem os personagens do antropólogo e do nativo em interação.

Assim, ao lado das observações sistemáticas dos lugares de sociabilidade de rua, das suas intensidades segundo os diferentes horários, o comportamento corporal dos indivíduos e/ou grupos nas esquinas, suas formas de interação nos bares e bancos de praças, suas regras de “evitações” ou, ainda, as suas performances orais e etiquetas para cumprimentarem-se ao cruzar olhares nas calçadas, tudo, enfim, vai criando sentido na observação atenta do pesquisador, à medida que ele se desloca. Esta caminhada vai sendo enriquecida em sua densidade temporal, na medida em que o pesquisador consegue precisar, nas constâncias de suas diversas idas e vindas, os aspectos de permanência e mudança que caracterizam e dão forma estética a este território urbano. Aos poucos, os movimentos das pessoas, frequentadores ou passantes se desenham em formas múltiplas, mas constantes, através de microeventos da própria rua observados meticulosamente pelo etnógrafo graças à perspectiva comparativa de uma atenção flutuante na observação sistemática da vida social.

Apesar de uma presença frequente nos lugares, da insistência para ser visto e reconhecido pelo olhar do Outro, na etnografia de rua, o contato nasce sempre de um pedido de consentimento à interação e troca possíveis que se seguem ao reconhecimento dos movimentos, dos olhares, dos ruídos locais, dos códigos de ética e dos direitos autorais a serem observados junto à aceitação da comunicação solicitada. Entretanto, o pesquisador que vivencia a dramática da rua está sujeito a conhecer uma diversidade de eventos de interação a qual observa ou interage. O contato expressa o desejo de uma multiplicidade de trocas com os «nativos», pois é a reciprocidade, sem dúvida,

a razão de ser e existir deste analista da diversidade e da complexidade cultural. Nesta interação, ele depende não só do domínio da língua do Outro para compreender o que é dito, mas também da atenção aos tons e meio tons, das insinuações e dos silêncios, dos não ditos e das recusas. Sem dúvida, o contato nasce deste processo de ritualização do estar na rua cotidianamente.

Sugere-se aqui que os personagens do etnógrafo e dos interlocutores (“nativos”) nascem, ambos, em uma relação que é construída a partir de uma circunstância artificial provocada, provocativa e, por vezes, provocatória, porque jamais natural. A construção do contexto do encontro etnográfico nutre-se destes códigos apreendidos pelo antropólogo na sua observação constante de si e do Outro, muitas vezes sob o fogo cruzado da situação de interação tanto quanto de negociação de realidade. Em todas elas, os atos que unem os antropólogos aos habitantes assumem formas e graus diversos de sentido por suas especializações e desempenhos de papéis frente a eles.

Tomando-se a pesquisa dos dramas sociais e das performances que encerra o teatro da vida urbana mediada pelo uso de recursos audiovisuais, esses dados levantados através do exercício de etnografia de rua, podem ajudar aqui na reflexão das implicações do antropólogo como intérprete de sua teia de significados. O uso da fotografia ou do vídeo na perspectiva do registro dramático, e mesmo dramatúrgico, das interações entre indivíduos e/ou grupos na cidade permite ao etnógrafo aprofundar o estudo das formas de sociabilidade no mundo contemporâneo sob a perspectiva da *poiésis* que rege o «estar junto» de um corpo coletivo, a partir, portanto, da expressão compartilhada de determinado comportamento estético entre os moradores e/ou *habitués* de um mesmo bairro, uma rua ou um prédio de apartamentos.

Em especial, o recurso sistemático do vídeo nas etnografias de rua tem nos forçado a refletir sobre o papel estratégico da imagem-movimento não apenas como modalidade de registro, no tempo, do processo de inserção de antropólogos em campo (seus dilaceramentos), mas também como parte dos seus processos de interpretação dos atos de destruição/reconstrução das formas de vida social nas modernas cidades urbano-industriais, e de onde emerge a evidência da escritura etnográfica como construção da inteligência narrativa do próprio antropólogo.

Neste sentido, no âmbito do desenvolvimento de um projeto sobre estudos de narrativas como fonte de pesquisa para documentários etnográficos sobre a memória coletiva em Porto Alegre (desde 1997) e em Paris (2001), recorre-se à técnica de etnografia *da* e *na* rua como mais um exercício que permite ao etnógrafo não apenas reconhecer e interpretar o “nativo” (os interlocutores que aceitam a relação que emerge da pesquisa etnográfica), mas também igualmente interpretar o seu si mesmo no contexto do diálogo com o Outro.

Se a etnografia de rua apoia-se no uso de recursos audiovisuais, como câmeras de vídeo, fotografias e registros sonoros, o olhar e a escuta do antro-

pólogo por vezes assume um lugar de destaque. E se, em muitos momentos é a situação de interação que irá introduzir o uso do equipamento audiovisual no trabalho de campo, em outros é o equipamento técnico que irá inserir o antropólogo no seu lugar de pesquisa.

No primeiro caso, o equipamento confirma o gesto da pesquisa naquilo que é captado como vivido humano no presente, seja o seu próprio, seja dos nativos, e mesmo de ambos. No segundo caso, as imagens registradas de instantâneos, quase sempre autorizadas, algumas até mesmo roubadas, não são apenas testemunhas do passado do «eu estive lá» do antropólogo. Elas podem exprimir o desejo expresso do nativo de ver-se «lá», eternizado na imagem capturada pelo olhar do antropólogo.

A inclusão da máquina fotográfica ou câmera de vídeo na etnografia de rua não significa um ato compulsório. Quando for o caso, a sua adoção, exige certo conhecimento das regras dos códigos de ética para o seu uso, conforme aceitação por parte dos nativos, uma vez que o registro de imagens de pessoas e situações no mundo urbano contemporâneo responde a direitos civis e disposições jurídicas e legais.

Atento a questão ética em torno da fixação do olhar etnográfico pela imagem fotográfica e/ou videográfica, pode-se dizer que o uso de recursos audiovisuais durante uma etnografia de rua é uma intervenção que, ora faz parte da caminhada de reconhecimento do antropólogo do seu lugar de pesquisa, ora configura-se como um momento de intervenção consentida pelos personagens já contatados. Sob este ângulo, o potencial interpretativo da imagem etnográfica já se apresenta no próprio contexto de interação que cria a sua situação de captação, uma vez que o triunfo da imagem, fotográfica ou videográfica no trabalho de campo revela este frágil instante em que o pesquisador ousa inscrever uma ruptura na interação com o Outro.

Neste ponto, fica evidente que a proximidade etnógrafo/interlocutores na rua é possível sempre que a presença do equipamento é aceita pelos sujeitos pesquisados. Não raro, os próprios interlocutores são convidados a manusear a câmera (seja fotográfica, seja de vídeo) registrando em imagens o mundo que lhe rodeia sob sua própria perspectiva, dependendo é claro, de um tempo mais ou menos longo da equipe no contexto da pesquisa de campo.

Imagem impressa em um negativo, acomodada em um papel ou transferida para a memória do computador; fotos coloridas ou em preto e branco, decisão de enquadramentos, definição da velocidade (tempo), regulagem do diafragma, etc., a técnica exige um aprendizado que não é processado sem que haja por parte do etnógrafo, mediações conceituais. Em ambos os casos, fotografia ou vídeo, o processo posterior à descrição etnográfica no diário de campo, associado ao da *decoupage* e edição das imagens, torna-se um rico processo de avaliação reflexiva da própria estética das imagens, distorcidas ou não, que habitam os pensamentos do antropólogo em situação de pesquisa de campo.

Narrar a memória coletiva dos habitantes nas cidades brasileiras

Desde 1997 desenvolvemos o projeto intitulado Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) que se dirige à criação de narrativas etnográficas com base nas novas tecnologias eletrônicas e digitais e à sua circulação na Internet na forma de um banco de conhecimento sobre a cidade de Porto Alegre.¹

Configurado na modalidade de coleções etnográficas, o BIEV reúne documentos textuais, visuais e sonoros antigos e recentes da cidade, oriundos dos projetos de investigação de seus pesquisadores e bolsistas de iniciação científica no contexto da vida urbana local. Tais coleções encontram-se agrupadas em quatro bases de dados, segundo seus diferentes suportes (textos, fotografias, vídeos e sons) e, apenas posteriormente, irão configurar a base de dados do BIEV, apresentada em duas modalidades: BIEV-data, posto-fixado-consulta² e na Internet, o BIEV-site³, endereço eletrônico www.biev.ufrgs.br.

O tema que reúne os pesquisadores e bolsistas do BIEV é o estudo antropológico da experiência temporal no mundo urbano contemporâneo, suas modalidades narrativas e as suas repercussões nas práticas e saberes que os indivíduos e/ou grupos constroem em suas relações com a cidade. O que se coloca é a relevância de se contribuir para uma reflexão a respeito das diferentes formas expressivas adotadas pelas tecnologias de pensamento (oralidade, escrita, fotografia, vídeos, redes digitais) no mundo urbano contemporâneo, numa intenção interpretativa do conhecimento da matéria do tempo e de suas cadeias operatórias geradas no interior das sociedades complexas.

Ao se reunir coleções etnográficas de antigas imagens históricas dos acervos da cidade e o registro audiovisual dos itinerários urbanos; das narrativas biográficas e das trajetórias sociais atuais dos moradores nas cidades construídas nos exercícios de etnografia *de* e *nas* ruas em seus territórios de vida, estamos procedendo a um ato interpretativo que nos permite observar que matéria das formas de vida urbana, desde suas radiações, reúne em seu fluxo, passado/presente/futuro.

-
1. A propósito, ler das autoras ECKERT, C. e ROCHA, A.L.C. da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.
 2. Onde se encontra situado o Banco de Imagens e Efeitos Visuais (sala 108 do prédio do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados/ILEA, no Campus do Vale/UFRGS, Porto Alegre, RS).
 3. Importante ressaltar que os documentos visuais e sonoros que configuram as coleções de documentos etnográficos que fazem parte da base de dados do BIEV-data foram reproduzidos de sua forma analógica para as formas digital e eletrônica, tendo origens diversas (reproduções de imagens antigas e recentes obtidas em suportes diversos, tais como fotografias, livros, revistas, jornais, filmes, vídeo, etc., além daquelas produzidas já em suporte digital e eletrônico).

No âmbito deste projeto importa igualmente referir a construção sistemática do campo antropológico interpretativo que relaciona as experiências etnográficas em contextos urbanos. Com esta motivação propomos desde 2002 o sub-projeto “Narradores Urbanos” em que nossos interlocutores são os próprios antropólogos brasileiros que desenvolvem a linha de pesquisa antropologia urbana. A coleção de documentários com os narradores urbanos é construída a partir de entrevistas sobre a trajetória dos intelectuais e, sobretudo, a partir da proposta de deslocamentos do narrador com a equipe de pesquisa nas ruas da cidade-contexto de seu estudo a fim de reconhecer suas interpretações sobre as dinâmicas culturais e sociais nas cidades moderno-contemporâneas. A “etnografia nas ruas” na cidade do narrador urbano, compõem assim um deslocamento em ruas e bairros na cidade de Porto Alegre, com Ruben G. Oliven (2007), no Rio de Janeiro com o antropólogo Gilberto Velho (em 2006) e em São Paulo, com o antropólogo José Guilherme Magnani (em 2008)⁴. Experiências de compartilharmos os percursos selecionados pelo narrador urbano, registradas pela equipe em imagens audio-visuais e reordenadas, no processo de roteirização e edição, com as imagens que revelam esse jogo de memórias sociais e coletiva e que potencializam o quadro conceitual de seus estudos sobre as cidades.

F1



4. Compõem ainda o projeto Narradores Urbanos os documentários produzidos sobre a trajetória intelectual de Eunice Durham (finalização 2009), Ruth Cardoso (finalização 2010), Tereza Caldeira (finalização 2011) e, em andamento, os documentários com Alba Zaluar, Antônio Arantes e Hélio Silva.

F2



I1



Uma síntese do mundo

Rue Faugourg du Temple e Rue de Belleville - Paris

A oportunidade de desenvolver um pós-doutoramento em Paris, ao longo do ano 2001, criou a possibilidade de ampliarmos para o contexto parisiense os exercícios de etnografia de rua que vínhamos desenvolvendo em vários bairros de Porto Alegre. Em junho de 2001, dois meses após nossa chegada a Paris e uma estada de dois meses alojadas em apartamento de amigos no XIII^{ème} *arrondissement* (definição pelo qual a cidade de Paris é dividida administrativamente em bairros), mudamos para nossa moradia alugada, um apartamento «deux pièce», situado na *Rue de la Fontaine au Roi*, no XI^{ème} *arrondissement*, em edifício projetado pelo arquiteto Louis Fargon em 1894, conforme está inscrito no pórtico de entrada.

Lá estávamos nós, habitando um bairro parisiense «típico» em razão de sustentar uma tradição pluriétnica, tal qual tinha sido nossa proposta de trabalho de pós-doutoramento estruturada ainda em Porto Alegre. Na época, a proposta era desvendar a cidade de Paris a partir de uma pesquisa etnográfica sobre as formas tensionais de vida no seu contexto urbano, em um ensaio comparativo com as situações por nós pesquisadas, no Brasil.

Recém-chegadas ao bairro, e morando nas proximidades da *Place de la République*, uma região considerada por muitos como território de cruzamentos culturais os mais diversos (o que lhe dá uma feição de desordem que nos lembra a paisagem urbana de determinadas áreas centrais dos grandes centros urbanos do Brasil), nossos primeiros dias no local foram de tímidos passeios nas cercanias da nova residência. Percorremos várias vezes as ruas mais próximas, confirmando as nossas representações a respeito das marcas da multietnicidade de sua paisagem, impressões tecidas durante cinco anos, quando vivíamos em Paris (Eckert de 1987 a 1991 e Rocha de 1990 a 1994), a época de realização do doutoramento.

A escolha de uma rua em especial no bairro nos foi sugerida por um «nativo» francês e parisiense. A *Rue de Belleville* (derivado do nome «bela vista» por situar-se na segunda maior elevação de Paris, após Montmartre) nos foi apresentada como sendo uma das mais interessantes para explorarmos uma França «profunda», segundo nos confessara este “nativo” em referência a sua memória povoada de boas lembranças do «tempos de boemia» dos anos 1970 no local. A sugestão era um convite para retornarmos ao exercício reflexivo em torno das formas diferenciais de se «viver a cidade» que vínhamos fazendo no Brasil, agora a partir de nossa inserção em Paris.

Foi, portanto, com tais motivações iniciais que nos aventuramos em nossas primeiras longas caminhadas pelas ruas que nascendo na *Place de la République* seguiam em continuidade até o limite da cidade: *Rue Faubourg du Temple* e *Rue Belleville*.

Mapa na mão, livros de história da cidade e do bairro, folders turísticos, álbuns de fotografias publicados, fichas de documentários assistidos sobre o bairro, pesquisas na Internet usando a palavra-chave “Rue de Belleville”. Esses recursos serviram como instrumentos importantes para dar os contornos e contextos etnográficos iniciais dos traçados a serem percorridos.

Nossas caminhadas iniciavam-se regularmente na *Place de la République* onde o trajeto da *Rue Belleville* tem o nome de *Rue Faubourg du Temple* e deste ponto, subindo em direção ao morro de *Ménilmontant*, sob os traços da linha de metrô *Chatelet/Porte de Lilas*, *carrefour* entre os X^{ème}, XI^{ème}, XIX^{ème} e XX^{ème} *arrondissements*. Nos limites desta linha de metrô situam-se várias estações, inclusive, a estação de Belleville, território nos arredores da qual podemos ainda descobrir pequenos fragmentos da ambiência antiga do vilarejo que ali existiu, preferido por artistas e poetas desde o século XVIII, encantados com o ar «mais salubre» e as habitações mais populares que existiam no local. Um carroussel na esquina parece testemunhar um ethos boêmio que evoca imagens de uma memória longa de pais e avós que observam as crianças girando em cavalos e dragões de madeira imaginários.

F3.



No trecho em que esta rua traz o nome de *Rue Faubourg du Temple*, estão concentradas inúmeras moradias residenciais que se misturam a uma paisagem pontilhada de várias casas comerciais que se sucedem, tais como boutiques tipicamente francesas, açougues, um clube de lazer privado, cafés, pada-

F6



F7



F8



F9



Nas lojas de «quinquilharias» que estão situadas no trecho descrito acima são vendidas diversas mercadorias por unidades. Faz-se esta observação para diferenciar este território daquele que contempla o comércio da *Rue de Temple*, situado do lado oposto à *Place de la République*, e onde os comerciantes, predominantemente de origem asiática, vendem por atacado. Neste local, as vitrines podem ser esteticamente fascinantes, mas, restrito ao atacado, a clientela é quase invisível, deixando as ruas vazias mesmo em dias de semana.

Ao contrário, na *Rue Faubourg du Temple*, torna-se extremamente difícil manter a caminhada em linha reta, uma vez que ao longo do percurso somos surpreendidos por produtos e mercadores dispostos nas calçadas, disputando espaço com os pedestres.

A divisa entre a *Rue Faubourg du Temple* e a *Rue de Belleville* (trecho que constituía a principal rua do antigo vilarejo de Belleville), situa-se no cruzamento com as grandes avenidas denominadas *Boulevard de la Villette* e *Boulevard de Belleville* (esta última conhecida por abrigar o ponto turístico do Cemitério *Père-Lachaise*).

Com as calçadas sempre lotadas, seja em horário diurno ou noturno, deslocar-se nesta rua é estar no meio de uma pequena multidão que se acotovela e a palavra «pardon» é escutada aqui e lá. Os sotaques nos levam a paisagens diversas imaginando as trajetórias complexas na saga dos imigrantes. Uma mulher de “foulard” (véu) carrega um típico pão francês (*baguette*) que é carregado “*comme il faut*”, entre o braço e o tórax.

Fechar os olhos nesta encruzilhada e ouvir os sons em diversas línguas, uma polifonia de vozes, nos desvendam os atores que dialogam em

francês, árabe, chinês, africano, português, o que nos faz lembrar a noção maussiana de *mana* na obra sobre a dádiva de Marcel Mauss (1974), pois é certamente um território onde se misturam as almas e as coisas.

F10



F11



F12



F13



De uma esquina a outra, fica-se estupefata ao presenciar a variabilidade de pertencimentos étnicos. Em uma esquina, encontra-se um clube chinês, que é sede de assíduos casamentos como atestam os frequentes Rolls-Royce estacionados em frente, decorados com flores de plástico vermelhas e fitas brancas, adornos que indicam tratar-se de um carro nupcial. Já na outra esquina, a mesquita anuncia um território muçulmano para logo depois contrastar com uma loja de carnes especializada na cultura judaica.

Um olhar mais atento às fachadas das casas comerciais confirma o multilinguismo como marca local. Ao lado da indicação do estabelecimento escrito em francês, *noblesse oblige*, (*boulangerie*, *pâtisserie*, *coiffeur*), encontramos regularmente essas informações traduzidas na escrita chinesa, árabe e turca, hebraica, etc. Esta imagem de cruzamentos culturais é reforçada com a placa que anuncia a presença da filial *Quick, fast food* americano, cercado pela ambiência fortemente europeia de cafés tipicamente franceses, de um carrossel tradicional disputado por crianças, das padarias, confeitarias típicas e da fachada dos grandes prédios que se sucedem na rua.

Escolhemos um trecho de nossos diários de campo para descrever esta ambiência, ao mesmo tempo, confusional e fusional.

Na Rue de Belleville, em Paris, um viajante desavisado pode se sentir chocado com a surpreendente mistura étnica do bairro (3 junho 2001). Hoje, dia 17 de agosto, percorremos novamente a Rue de Belleville e confirmamos que as nossas primeiras impressões, registradas no diário de campo, relativas à nossa primeira caminhada nesta rua, no início de junho, não eram exageradas. Hoje, para se chegar neste «canto do mundo», não é preciso se deslocar de metrô, o sistema de transporte mais popular na cidade de Paris. Nossa residência não se situa muito longe deste território. O dia estava bom e convidativo para uma etnografia de rua, termo que adotamos, em 1997, para denominar exercícios de observação de itinerários urbanos na cidade de Porto Alegre. Aliás, ao sair de casa, na Rue de la Fontaine au Roi, pode-se dizer que estamos no território da multiplicidade étnica típica do bairro. Ainda na nossa rua, na quadra oposta ao nosso prédio, um restaurante senagelês, ao lado dele, um restaurante cubano e, seguindo-o, na mesma calçada, um restaurante tipicamente francês. Na esquina de nossa quadra, um bar com clientela que escuta em alto volume músicas cantadas em árabe ou tocadas com a popular guitarra argelina. Mistura de signos que anunciam a característica do bairro: uma torre de Babel, uma síntese do mundo. No curto percurso que se faz na Avenue Parmentier, antes de subirmos a Rue du Faubourg du Temple em direção à Rue de Belleville, podemos registrar alguns comércios dominados por hindus (ou serão paquistaneses?). Estas lojas comerciais se sucedem: mercadinhos, barbearias, etc. Atravessamos, assim, este pequeno trecho da Avenue Parmentier, subindo a Rue Faubourg du

Temple até o entroncamento da boulevard La Villette com a boulevard Belleville, que nos introduzem à Rue de Belleville. Neste carrefour, tenho a tentação de fotografar tudo, o que evitei neste momento, pois queria ficar atenta aos personagens da rua. Um grupo de três homens de origem hindu ou paquistanesa conversa na esquina, mas eles são minoria perto da quantidade impressionante de homens de origem argelina (ou serão magrebinos?) que se espalham nesta esquina. Parece uma manifestação, mas eles estão apenas conversando em local público, afirmando ser a rua o lugar masculino por excelência desta cultura. A presença destes personagens nos cafés de esquina é massiva. Cumplicidade predominantemente masculina, sem dúvida. Tomam café, bebem cerveja e fumam muito as tradicionais 'narguilé' (cachimbos de origem persa). Vários grupos de homens se formam, os cumprimentos com beijos na face são frequentes, lembrando ser este um costume não só francês, mas também presente na cultura árabe. Os mais jovens parecem preferir um aperto de mãos, mas tudo indica a presença de relações de bairro ou de vizinhança, ou simplesmente 'habitués'. Ouvem-se várias línguas possíveis com a predominância do árabe. O movimento é incessante. Passam, caminham, tomam diversas direções provando que evocar os limites da rua é uma preocupação errônea. Em um esforço, observamos quem são as mulheres nesta babilônia improvisada e percebemos que são as mulheres de origem africana vestidas a caráter e as mulheres de origem asiática que dominam as calçadas em clara atitude de compradoras de produtos diversos na imensidão de lojas e armazéns que dominam a Rue de Belleville.

Sem dúvida, por inúmeros indícios, podemos afirmar que estamos em um território parisiense, embora a estética urbana que predomine não seja a da suntuosidade de uma França monárquica ou medieval nem mesmo de uma Paris haussmaniana, como aquela que o turista insistentemente busca nos I^{ème}, IX^{ème} ou XVI^{ème} *arrondissements*. Na contramão do turismo de uma história monumental francesa, *Belleville* viveu e, ainda vive, sob outro ritmo temporal. Segundo apontam os livros de história da «velha Paris», nenhum outro canto da cidade conservou suas características campestres por mais tempo que *Belleville*.

Até fins do século XIX, a paisagem do bairro concentrava pedreiras, vinhedos, sítios, pomares, abatedores e algumas fábricas de manufaturas e armazéns, separados entre si por ruelas estreitas que se entrecruzavam, com larguras diversas, variando de 60 cm e 2 m, onde galinhas, patos, cães e pessoas disputavam seus espaços de vida, cercados por terrenos vagos, jardins abandonados, tavernas, cabarés e casas acinzentadas de dois andares, com corredores fechados por pequenas cercas de madeira em lugares. Um cenário que herdara os vestígios de ambiências de sociabilidades coletivas de outros tempos, períodos em que ali se realizavam as famosas corridas de touros e a

pitoresca festa do vinho com bebedeiras, orgias e badernas conhecidas e reconhecidas na memória dos parisienses como a época em que Paris tornava-se «Roma sem o Papa».

Os inúmeros documentários que assistimos do bairro relatam que ele emerge da paisagem urbana, acalentado por uma importante presença de movimentos sociais, de revoltas e de conspirações populares que acompanharam a história francesa do século XIX. Uma história marcada pela agitação política que se termina com a supressão inteira da comuna de *Belleville* em 1860, e, posteriormente, com a anexação de parte de seu território à região parisiense, recebendo, desde então, em diferentes épocas, levas de imigração de diversas procedências, cujas marcas pluriétnicas caracterizam o local. A forte presença recorrente destas camadas de diferentes tempos, através da referência do olhar etnográfico aos seus fragmentos e detalhes na paisagem urbana desta área do bairro, amalgamam-se no tempo presente de nossa caminhada.

Desde o início do empreendimento do exercício, portanto, fiéis à ideia de aprofundarmos as reflexões em torno da “etnografia de rua” como técnica destinada ao estudo dos itinerários urbanos e da memória coletiva no mundo contemporâneo, insistimos em caminhadas pela *Rue de Belleville*. Nosso destino final, em termos geográficos, pode ser considerado a *Porte de Lilas*, uma das portas que delimita a fronteira entre a cidade de Paris, organizada em 20 bairros, e a periferia de Paris, conhecida pelo nome de *banlieue*.

Em inúmeros pontos dos trajetos adotados para se atingir a *Rue de Belleville*, guiavam-nos algumas publicações destinadas a curiosos sobre as histórias registradas na memória dos bairros parisienses e de suas regiões limítrofes. Assim, nos deixamos levar por idas e vindas em ruelas que cortam a *Rue de Belleville* e que nos conduziram a belas e boas surpresas, como foi o caso da descoberta do Parque de *Belleville*, cujo acesso é feito por uma pequena ruela, a *Rue Piat*, bordada à direita, coberta por algumas antigas árvores herdadas das velhas alamedas ali existentes, e que esconde dos passantes a «bela vista» da cidade de Paris que dali se pode ter, sem precisar disputar com nenhum turista o melhor ponto de visão.

Mantivemos caminhadas constantes na tentativa de descobrir uma *Belleville* «no tempo de outrora», mas cujos indícios nos ligassem a atual *Belleville*. Esta foi a forma como tomávamos contato com os pequenos pedaços de paisagem que são quase invisíveis se comparados com a agitação da *Rue de Belleville*, como foi o caso da *Rue de l'Hermitage*. Nesta rua de traçado irregular, quase um beco, situada à esquerda de quem desce a colina de *Belleville*, ainda se pode observar diminutos conjuntos arquitetônicos formados por aglomerados de antigos casarios, com seus jardins apertados por prédios de apartamentos. Todas essas casas baixas foram adaptadas às atividades de seus novos donos e/ou moradores, em geral artistas, em um sinal da permanência da aura através da qual *Belleville* tornou-se conhecida na memória da cidade.

Mesmo na ausência da antiga *Belleville* e dos seus acidentes geográficos (fontes, pedreiras e poços) para nos situar na ambiência romântica do bairro, a cada nova saída, insistíamos em levar conosco o mapa da atual Paris em uma das mãos e, na outra, livros da «velha Paris» que narravam estórias pitorescas do lugar. Íamos, assim, caminhando a passos lentos, surpreendendo-nos aqui e acolá com os trajetos sinuosos das ruas que, vez por outra, cortavam em zigue-zague a *Rue de Belleville* e nos conduziam em direção ao topo do morro de *Ménilmontant*.

Em outra ocasião, deslocando-nos à esquerda de quem sobe a *Rue de Belleville*, em direção à *Place de Fêtes*, atingimos, no coração do XX^{ème} *arrondissement*, o Parque *des Buttes Chaumont*. O passeio havia sido programado no sentido de aproveitarmos, como moradoras do local, a ambiência tipicamente de lazer de fim de semana dos parques parisienses em um quentíssimo dia de verão. Pais com seus filhos, casais de namorados, grupos de adolescentes, moradores de rua solitários, cachorros e seus donos, vendedores de sorvetes, cata-ventos e balões, enfim, uma multidão de pessoas passeia, uns deitam-se na grama dos jardins, outros sentam-se nos bancos ou disputam uma das mesinhas dispostas nas calçadas para um típico café. Recém-chegadas do mais rigoroso verão tropical, ao contrário dos parisienses que acabavam de sair de um longo inverno cinzento, frio e chuvoso, apenas desejávamos uma sombra agradável protegidas do sol e do calor intenso que fazia naquele dia.

Nos deslocamentos constantes, nos divertíamos com o fato de estarmos ora no XIX^{ème} *arrondissement*, ora no XX^{ème} *arrondissement*, uma alteração de posição no mundo que dependia de onde estávamos situadas, se de um ou de outro lado, esquerda ou direita de quem desce a *Rue de Belleville*. Uma divisão jurídico-administrativa que não alterava a paisagem da rua e muito menos a feição do próprio bairro, assim como não produzia nenhum efeito de marcas diferenciais entre os estilos de vida dos moradores locais.

Nas constantes caminhadas, quase sempre a descoberta de pequenas ruas e os impasses, como incidentes de percurso, marcaram nosso afastamento da *Rue de Belleville*. Em um destes dias, aproveitamos a visita de uma colega, Maria Elizabeth Lucas, para nos colocarmos como guias turísticos de seu deslocamento no bairro. Optamos por subir a colina de *Ménilmontant* de ônibus, o «96», até as proximidades da *Place de Saint Fargeau*, ponto final de várias outras linhas de ônibus. Uma passageira brasileira que se encontrava no ônibus, ouvindo nossos comentários em língua portuguesa e sotaque brasileiro, identificou-se rapidamente como antiga moradora do bairro e profunda conhecedora de seus hábitos e características, indicando-nos várias outras opções de trajetos que desconhecíamos.

Esse encontro foi um lembrete para nós de que tínhamos um longo caminho de aprendizagens sobre os diversos territórios do bairro que permaneciam ainda invisíveis aos nossos olhos. Humildemente, descemos do ônibus,

caminhamos até a *Rue des Pyrenées* e de lá iniciamos, então, a «descida» da *Rue de Belleville*, pois estávamos no alto da colina. Pequenas ruelas sem saída nascem em perpendicular à *Rue de Belleville*. Aproximando-nos da *igreja Saint Jean Baptiste de Belleville*, prestávamos mais atenção à sequência de edifícios, buscando aquele no qual havíamos visto, em nossas primeiras incursões pelo local, uma placa anunciando que ali havia habitado a cantora francesa Edith Piaf, tendo, segundo biografias, nascido nas próprias escadarias que conduzem aos apartamentos, com a sua mãe em estado de embriaguez.

Na ocasião, “descer” a *Rue de Belleville* era percorrer o caminho inverso do que havíamos nos habituado quando deixávamos a nossa casa em direção ao bairro. Do topo do morro, esforçando-nos em olhar por cima da curva que esta rua desenha, primeiro à direita, e depois em forma de “S”, à esquerda, pode-se ter uma ideia dos motivos originais que deram este nome ao lugar. Posicionado quase no topo da colina, o etnógrafo-turista consegue uma *belle vue* da cidade, uma imagem fugaz da *Tour Eiffel* que é logo recortada, aqui e ali, pelo perfil das fachadas dos prédios de apartamentos que hoje ocupam a área. Visto de cima, sob o topo do *plateaux de Ménilmontant*, de 117 m, desce-se quase em linha reta até a *Place de la République*, um dos *carrefours* que liga em forma de estrela inúmeras ruas e avenidas que deságuam no XI^{ème} *arrondissement*.

Nos percursos de nossas etnografias de rua, em *Belleville*, a interação com o Outro nem sempre é possível. Em alguns dos trajetos, ela é simplesmente provocada pela situação de pesquisa propriamente dita, em outros, este encontro procura revestir-se do tom casual de nossas ações ordinárias no bairro como parte integrante de sua população de *habitués*, como descrevem os fragmentos do cotidiano etnográfico transcrito neste trecho de diário de campo que segue:

Para fotografar um contexto interno na *Rue de Belleville*, entramos em um salão de beleza e tentamos estabelecer uma conversação com a proprietária e as funcionárias, todas mulheres asiáticas. A proprietária não permitiu que eu fotografasse o local e para disfarçar meu constrangimento, optei por dizer que também estava lá para um corte de cabelo, buscando durante este tempo, explicar-me melhor. O que foi aceito sem nenhum entusiasmo, passando-me para uma jovem que não falava francês e indicava todas as ações que devia seguir com gestos e palavras soltas em chinês. O diálogo, em plena Paris, fora interrompido pela barreira da língua.

Em ambos os momentos por nós assinalados acima, o «caminhar» do etnógrafo busca as diferenças entre o olhar da investigação e o olhar que orienta as caminhadas nos locais turísticos de Paris, em que este *status* de «turista» parece revestir a todos de certa proteção contra a crítica ou o olhar reprovador. A foto auto-

rizada ao turista parece ser menos comprometedora de uma situação de inserção no local repleta de práticas ilegais e estratégias de sobrevivência, pressuposto que podemos exemplificar através deste relato:

Mais uma recusa para fotografar, desta vez um vendedor de castanhas parado na esquina da Place de la République. Um carrinho de supermercado é a “churrasqueira” provisória em que um fogareiro com carvão em brasas esquenta as castanhas depositadas em uma chapa com furos. A reação do provável indiano foi taxativa, não! Aqui uma pressuposição passou a ganhar forma para nós: não é negligenciável o número de trabalhadores estrangeiros, principalmente vendedores ambulantes, em situação irregular. A fotografia se tornaria uma prova desta atividade ilegítima e por esse motivo, em geral a foto “posada” é recusada. A negociação mais longa é impossível devido à barreira da língua, pois esses são trabalhadores que não falam francês e se escondem em seus segredos de comunidade étnica.

Outra parte extraída de nosso diário de campo ilustra essa forma «casual» de ocuparmos os lugares de vida urbana na *Rue de Belleville* tal qual apreendemos como «etnografia de rua» e como ela permite, por sua fluidez, que possamos nos aproximar do contexto urbano de grandes cidades como estes fossem verdadeiros «cantos do mundo»:

Ir às compras em Belleville, na tentativa de descobrir temperos e ingredientes para uma feijoada «à brasileira» é descobrir lojas de especiarias antilhasas e africanas. Lojas que procurei também levada pela necessidade de comprar certas bugigangas de plástico para a casa, as quais são encontradas nos supermercados no Brasil. Aqui, para comprar um balde, uma garrafa térmica, copos de vidro ou material elétrico, procura-se nas lojas «dos árabes», se queremos comprar tecidos para cortinas e almofadas desloco-me até as lojas dos «indianos» e africanos. Para renovar o estoque caseiro de molhos e chás, há os supermercados dos «chineses». Posso, se for o caso, «dar um pulo» no Monoprix, um supermercado «bon marché», com aparência de uma loja de departamentos, para ver as ofertas de vinhos e queijos franceses! Todas elas são sempre boas e nobres razões para percorrer a Rue de Belleville em seus mais diversos contextos, como se ali vivêssemos há um bom tempo. Sem dúvida, ao final de cada ida a campo sempre acabo interrogando-me sobre a forma como a aparência caótica da rua não só agrada aos meus olhos de etnógrafa da desordem urbana, como também desafia o meu senso estético ao provocar a busca de um sentido para a diversidade tensional de cores, temperaturas, cheiros, texturas, tamanhos, formas dos produtos comercializados nestes lugares, tal qual as próprias pessoas que transitam por entre as prate-

leiras, corredores e calçadas de Bellevile. Um esforço reflexivo que vem sempre acompanhado do ato recorrente de me disfarçar no Outro, certamente na tentativa de encontrar ali, eu própria, o meu lugar de estrangeira em Paris, fazendo desta rua a minha casa natal.

Certamente, algumas convenções sociais na forma de habitar tais áreas de um bairro parisiense nos pareciam familiares, não só por já termos vivido na cidade de Paris para desenvolver programa de doutoramento, mas também por compartilharmos de uma cultura urbana que, mesmo em se tratando de Brasil e de uma cidade da escala de Porto Alegre, cultiva o gosto pelo deslocamento no anonimato. Entretanto, caminhar por Paris, nos limites traçados pela *Rue de Bellevile* nos remetia constantemente ao nosso encontro, como estrangeiras, com a multiplicidade de culturas e etnias denunciadas não apenas pelas diferenças entre tons de pele, cor dos olhos, tipos de roupas, de penteados e adereços, de expressões e gestos etc. dos habitantes locais, homens, mulheres ou crianças, moradores ou não. Havia igualmente a confrontação com as inúmeras sonoridades de voz com que o Outro se apresentava aos nossos olhos. Seja em árabe, chinês, vietnamita, hindu, *yddish*, seja nas línguas africanas que nos era difícil de precisar a origem, todas elas, ao mesmo tempo, neste espaço parisiense, nos incitavam constantemente a uma reflexão sobre nossa própria língua e cultura como estrangeiras ao lugar, apontando para o esforço de «vigilância epistemológica» a ser feito para ultrapassar tais barreiras. Um pequeno trecho de nosso diário de campo pode ilustrar este processo aqui apontado:

No dia 5 de outubro, o traçado percorrido não se diferencia muito de caminhadas anteriores. Caminhar pela Faubourg du Temple e pela Bellevile é o objetivo, mas neste dia carregamos um aparelho fotográfico. A intenção maior é buscar a riqueza da multiplicidade étnica. Não é difícil cumprir este objetivo, pois este é o contraste predominante. Lojas comerciais de origem árabe, judia, hindu, chinesa, vietnamita, cubana, etc., se vizinham em uma aparente harmonia contrastando com o clima de conflito e tensão mundial entre as culturas orientais e ocidentais que a operação vigilância-pirata do governo francês em seu programa contra o terrorismo, busca acordar. Porém, nestas ruas, nenhum policial se faz presente. As diversas etnias ali presentes certamente precisam recorrer às notícias da imprensa e televisão para lembrar que a chamada guerra americana ou ocidental contra o terrorismo acontece neste mesmo momento em algum lugar. Fotografamos vários estabelecimentos e situações na rua. Um vendedor ambulante de origem hindu vende milho aquecido no carvão. Não entendo de onde possa ser a origem deste hábito. Perguntamos para ele se podemos fotografar e ele consente, coisa rara, pois em geral temem as fotos por serem trabalhadores irregulares. Porém, o diálogo sobre a prática da venda do milho não prossegue, pois o vendedor não fala francês. Outro

senhor parecendo ser de origem árabe, pergunta o que procuramos saber. Repito minha pergunta e devido meu forte sotaque ele interroga de onde venho? Respondo ser brasileira e explico não conhecer a origem do hábito de vender milho queimado. O que importa é que todos compreem. Lembramos que os franceses costumam vender castanhas da mesma forma, alimentação que os teria salvado da fome em diversas situações de guerra e de miséria. Seguimos nosso caminho sempre fotografando, visando interações e a prova de que, em Paris, a estética urbana é a mistura de estilos.

Retomando-se os diários de campo para fins de análise, somos atraídas pela cultura polifônica tratada por Mikhail Bakhtin em suas obras sobre a cultura popular e sobre a teoria do romance em que propõe o conceito de heteroglossia para dar conta da capacidade de convivialidade e circularidade das narrativas (BAKHTIN, 1992, 1996).

F14



F15



Em Belleville, a estética da polifonia das interações populares proposta pelo autor parecia movida por forças de sentido inerentes à multiplicidade étnica e diversidade dos arranjos locais que hospeda a memória coletiva dos diversos grupos sociais na cidade símbolo dos tempos modernos.

A apresentação de outro extrato do diário de campo pode aqui exemplificar, mais precisamente, o que dissemos acima:

No dia 5 de setembro, a caminhada como sempre foi iniciada na Rue Faubourg du Temple. A intenção era seguir um traçado mais desordenado tendo esta rua e a de Belleville como referência, fazendo quase um zigue-zague. Na esquina com Boulevard de la Villette, formando um grupo constituído por homens e mulheres, há seis pessoas sentadas na calçada que apresentam claros sinais de embriaguez. Parecem ser de origem francesa, repetindo uma tendência que observamos nas ruas parisienses: pessoas em geral de cor branca, na faixa de 30 a 50 anos, sentam-se em calçadas ou degraus de lojas e consomem muito álcool. Costumam ficar sempre no mesmo lugar, pedem dinheiro e frente à recusa dizem um simples «merci», ou mesmo um desaforo, certamente devido ao estado de embriaguez. Neste dia não faz frio. Há bancos que são ocupados por homens provavelmente aposentados devido à aparência mais idosa. Portam típicos chapéus argelinos. Conversam em dupla ou em pequenos grupos. Conversam em língua

de origem, parecem tranquilos. Aparentemente jogam conversa fora para matar o tempo. Já na esquina com a boulevard Belleville, o que chama a atenção é a quantidade de açougues judeus próximos a uma sinagoga. Os negócios estavam todos fechados com bilhetes escritos à mão anunciando os obséquios de um dos patrões.

O que vivemos nos percursos diários é intensamente o movimento, a interação, as práticas cotidianas. A efemeridade da nossa passagem, entretanto, certamente nos impede de desvendar uma série de códigos locais, etiquetas, segredos, não ditos, gestos, olhares e ações que nos passam despercebidos, e que apenas uma continuidade da pesquisa de campo neste espaço pode elucidar. Porém, é a própria experiência de estranhamento/familiarização que está sendo dramatizada. Aparências imediatas buscam ser ultrapassadas em parte pelas imagens que retemos, pela fotografia, pelo vídeo, pela descrição no diário.

Em especial, no que se refere o uso dos recursos audiovisuais, nossa opção foi, neste momento, fotografar com uma câmera digital as cenas, personagens, situações e dramas que compunham a paisagem urbana de *Belleville*, como se reflete nesta passagem do diário de campo:

Neste dia, nosso deslocamento com a máquina fotográfica parece não chamar a atenção, pois a prática do turismo no local não é estranha aos moradores. A obscenidade que nosso olhar indiscreto possa provocar parece não incomodar. A luz para tomada fotográfica é boa. Um típico dia de outono. O enquadramento é, ora no sentido horizontal, ora vertical. Pode-se observar que tendemos a enquadrar de forma retangular certamente devido à estreiteza da rua e à intenção de, neste momento, buscarmos mapear os espaços de continuidade das ruas. Fotografamos interações e cenários que, para nós, traduzem as formas do lugar. Interagir com os habitantes foi um pouco mais frustrante, embora aqui e ali, algum mendigo ou algum adolescente demandam: me fotografa!

O uso sistemático da câmera fotográfica ou da câmera de vídeo nas caminhadas por estas ruas objetiva a reconstrução de uma narrativa a partir da própria temporalidade do registro da imagem no instante em que o acontecimento se desenrola sob nossos olhos, o que desencadeia a presença de todas as outras imagens que nos habitaram em momentos e situações anteriores quando o olho que registrava não era o da câmera, mas o olho humano repleto de pequenas impressões mnésicas, experiências sensoriais, evocação de imagens de outras cenas urbanas, em outros bairros, cidades e países. Cenas evocadas pelo diário de campo, pela fotografia ou vídeo, todas as imagens que nos habitam ao passo que nos deslocamos pelas ruas, avenidas, lojas, esquinas, etc. Da Paris de Hemingway à Paris de hoje, de Paris à Porto Alegre, e vice-versa, elas estão lá, conosco a exigir o rigor comparativo com as imagens apreendidas que dão sentido ao evento urbano propriamente dito que encerra a etnografia de rua em *Belleville*.